



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

## CARTAS DE DONA LEOPOLDINA

Publicado no site em 22/09/2008

Moacyr Flores

A história de gênero é uma divisão didática da história social que tem como objeto de estudo as mulheres e suas relações com a família, grupo social, trabalho, política e com a religião, analisando as tensões e contradições, pois certamente não é biografia de mulheres. É importante estudar as transformações culturais e as mudanças das idéias sobre o homem e a mulher, família, castidade, descoberta do corpo, sedução, violência sexual, casamento, parto, doenças e educação dos filhos, para entender o espírito de uma época.

Durante séculos, a contar da civilização grega, as mulheres ocupavam o espaço doméstico. As que buscavam outros espaços eram consideradas mulheres de má fama. O cristianismo trouxe novo conceito sobre a mulher: a virtude. Toda a mulher devia ser virtuosa. Os homens tinham honra, por isto, em legítima defesa da honra podiam matar a esposa que perdesse a virtude nos braços de um amante. O homem, principalmente se fosse governante podia e deveria ter amantes para mostrar que possuía virilidade. Os reis franceses, menos Luís XVI, nomeavam oficialmente suas amantes que recebiam pensão e propriedades do Estado, vivendo na Corte em Versalhes, ditando a moda, lançando o novo tipo de dança e até o estilo de decoração, como Madame Pompadour que determinou para a França o estilo rococó. Sua sucessora, Madame Maintenon, banuiu o estilo rococó, instituindo o estilo neoclássico, sinal de bom gosto e de cultura clássica.

O historiador Peter Gay considera que "uma época histórica, assim como um fato histórico, é um conjunto de possibilidades realizado no âmbito do espaço e no fluxo do tempo, e que cada ator e atriz do drama humano, seja protagonista, ou simples figurante, é chamado a desempenhar papéis determinados através do nevoeiro do caráter, das fortunas econômicas e das identificações regionais ou sociais" (Gay, p. 10).

A vida de uma princesa é sempre idealizada como personagem maravilhosa de conto de fadas. Essas simplificações esbarram com a etiqueta palaciana que provoca o isolamento da realidade e o afastamento do convívio com os subalternos e com o povo. A historiografia brasileira traça a imagem da imperatriz Leopoldina como uma mulher que influenciou na independência do Brasil e sofreu com o desprezo amoroso do mulhengo D. Pedro I, tendo que aturar Domitília de Castro como primeira dama da Corte. Leopoldina conhecia dentro da própria família real da Áustria e dos demais reinos europeus o papel das amantes dos governantes e da nobreza. A vida amorosa de D. Pedro não se constituía num escândalo, era própria da conjuntura social.

O século XVIII é o século da sexualidade, com publicações de livros pornográficos ilustrados, dentro do gênero de livros "filosóficos", entre eles, os mais célebres são os do Marquês de Sade (1740-1814) que, entre relatos de perversões sexuais ataca a política do sistema monárquico e a religião considerada como incoerente ao sistema de liberdade. Até o final século XVIII, a família não era importante, os filhos das pessoas ricas ou nobres eram educados por um parente para não criarem laços familiares, com o objetivo de prepará-los para o casamento de conveniência. Esta atitude começa a mudar no final do século. Os pais não intervinham na educação dos filhos, entregando-os a preceptores que lhes ensinavam regras de etiqueta, a falar em francês, pintar aquarelas, compor música e a tocar instrumentos musicais. As jovens eram obrigadas pelos preceptores a escrever um diário, como exercício de escrita. O diário também servia para descobrir os pensamentos das jovens.

Carolina Josefa Leopoldina de Habs-burgo, filha de Francisco I e Maria Teresa da Sicília, nasceu em Viena em 22 de janeiro de 1797 e morreu no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1826.

Era sobrinha de Maria Antonieta, raí-nha da França e irmã de Maria Luísa (1791-1847) que casou com Napoleão Bonaparte.

As princesas eram dadas como penhor de um tratado de paz entre dois estados, não tinham escolha nem podiam protestar. A Áustria estava em decadência, não possuía exército poderoso, nem economia capaz de sustentar seus súditos. A miséria, gerada pela devastação das Guerras Napoleônicas e pelo processo de industrialização, atingia mais de um terço da população que não possuía emprego nem comida. Só restava ao alquebrado império da Áustria fazer alianças com os reinos vizinhos mais poderosos, dando suas princesas como penhor da paz.

Leopoldina, a arquiduquesa da Áustria, escreveu uma vasta correspondência que dá a dimensão histórica de seu caráter, de seu papel como mulher e como futura imperatriz do Brasil. As cartas de Leopoldina permitem reconstituir o sistema educacional da alta nobreza, a época de casamento, o conforto da moradia na Quinta da Boa Vista, as intrigas palacianas e as diversões da corte brasileira.



Geralmente as meninas casavam cedo, dos 12 aos 15 anos de idade, de acordo com a escolha dos pais. Eram educadas desde cedo para procederem como mulheres capazes de administrar a casa, "já que este seria o seu futuro". (Ariès, p. 136).

Pela correspondência vê-se que o maior relacionamento de Leopoldina com o pai Francisco I era através de cartas que ela escrevia. Em 5.8.1809, agradece a coleção de mineralogia que recebeu do pai e solicita que não abandonem os filhos da viúva Handel, antiga camareira, pois "os pobres órfãos estão numa situação muito difícil, com a horrível carestia de Viena". Comunica que está aprendendo o italiano, idioma que considera fácil.

As cartas para a irmã Maria Luíza, que era esposa de Napoleão Bonaparte que estava exilada em Parma, referem-se às excursões a castelos, vilas e montanhas. Em outras cartas escreve sobre bailes, em nenhuma refere-se à política e nem sobre o tratado de Viena que está acontecendo nos bailes e banquetes da corte de Francisco I.

Em carta de 19.7.1816, à irmã Maria Luísa, a princesa Leopoldina informa que o pai dissera "não acredito que Leopoldina ainda esteja aqui no próximo inverno". Leopoldina pede pelo amor de Deus que Luísa não conte para ninguém que estão tratando de seu casamento. Em 24 de setembro, no dia do casamento de sua irmã Maria, o pai comunica a Leopoldina que em breve ela poderia escolher entre dois pretendentes, sendo que o primeiro não gostara dela e que pretendia escolher uma noiva entre princesas alemãs. Leopoldina percebeu que o pai preferia o segundo pretendente e ela resolveu concordar

"na firme convicção de que quando cumprimos a vontade de nossos pais seremos felizes em qualquer situação, pois sabes por experiência própria que uma princesa nunca pode agir como quer".

Leopoldina informa à irmã Maria Luísa que o emissário virá no próximo mês e que ela partiria em abril. Na carta, ela não dá o nome do pretendente e nem para onde iria. Diz ainda que nunca teve aversão àquela nação (Portugal), só não suporta seus vizinhos (espanhóis). Afirma que a família do pretendente tem muito senso e bom coração. Somente em carta de 4.10.1816, Leopoldina se refere ao Brasil, pensando que retornaria à Europa em dois anos:

"é um país magnífico e ameno, terra abençoada que tem habitantes honestos e bondosos; além disso louva-se toda a família, têm muito senso e nobres qualidades; logo a Europa estará insuportável e daqui dois anos posso viver aqui novamente, mas

esteja convicta de que meu maior empenho será corresponder à confiança que toda a família e meu futuro esposo em mim depositam, através de meu amor por ele e meu comportamento”.

Leopoldina passou a estudar música com afinco porque soube que no Brasil a música era muito apreciada. Também a Baronesa Hohenegg leu para Leopoldina o livro *Croquis do Brasil*, de Joaquim José Antônio Lobo da Silveira, entre exclamações de esplêndido e magnífico. Segundo a princesa, todos na corte vienense queriam ver o Brasil. Em sua aprendizagem de português, achou um idioma sonoro mas difícil de entender porque é meio árabe, italiano e francês.

Ela imaginava o Brasil como o El Dorado e se refere em carta à irmã Luísa ao ouro do Brasil. Leopoldina supõe que brevemente a Família Real portuguesa retornará a Portugal. Não possui informações corretas sobre a corte no Brasil. Estava feliz por ter obedecido ao pai e de talvez ser útil à pátria.

Em princípio de novembro o Marquês de Marialva chegou a Viena para tratar do contrato de casamento. O embaixador Marialva visitou Leopoldina e lhe entregou vários livros em português, idioma que ela ainda não entendia. Em 13.11.1816 ela recebeu nova visita do marquês de Marialva e do conde de Navarro de Andrade, que descreveram as belezas do Brasil. Em todas as cartas à irmã Luísa, ela se refere ao futuro esposo, sem escrever seu nome. Na carta de 21 de novembro refere-se à sua futura sogrinha (Carlota Joaquina) como intrigante e desleixada, mas que o rei (D. João VI) é “um excelente soberano e que a mantém nas rédeas e os filhos afastados dela”. Somente em 14 de dezembro é se diz apaixonada pelo Brasil e pelo retrato de Dom Pedro. Em sua correspondência à irmã mais velha há sempre um toque infantil, apesar de ter 19 anos.

Somente em 18.02.1817, o marquês de Marialva formalizou o pedido da mão de Leopoldina, que leu a metade de seu discurso, embora o tivesse decorado. Informa que dançou desvairadamente nos bailes de carnaval da corte de Bellegard. Ficou descontente com o fim dos bailes de carnaval, que eram mais animados que os concertos musicais.

Em 15.4.1817 escreveu à irmã Luísa que recebeu o retrato de Dom Pedro, que a deixou transtornada, “é tão lindo como um Adônis; imagina uma bela e ampla frente grega, sombreada por cachos castanhos, dois lindos e brilhantes olhos negros, um fino nariz aquilino e uma boca sorridente; ele todo atraí e tem a expressão *eu te amo e quero te ver feliz*”.

Em 17.04.1817 participou da festa dada pelo Marquês de Marialva, onde Leopoldina compareceu com o broche com o retrato de Dom Pedro. Confessa que se sentiu melhor entre os portugueses do que em meio à nobreza vienense, isto é a pequena corte que a acompanharia até o porto de Livorno. O conde Metternich é que faria a entrega da noiva.

Depois de muita protelação, a comitiva de Leopoldina partiu de Viena em 03.06.1817, em vários coches. Chegou em Pádua no dia nove, quando finalmente encontrou sua amada irmã Luísa. Realizou um passeio turístico com a irmã em Veneza, ficando cansada, mal podendo se movimentar. Recebeu a notícia que insurretos em Pernambuco fizeram uma terrível revolução. A frota brasileira rumou para o litoral de Pernambuco para apaziguar a rebelião, atrasando a viagem ao porto de Livorno, para buscar a arquiduquesa da Áustria. A frota brasileira chegou a Livorno em 26 de julho, mas como a comitiva de Leopoldina era de 800 pessoas, houve grande demora para aprontar os dois navios de guerra, que só conseguiram zarpar em 10.08.1817.



Chegada de Leopoldina no Rio de Janeiro.

A travessia até o Rio de Janeiro durou 84 dias, conforme carta de 08.11.1817. Ficou encantada com a baía da Guanabara. Todos os navios e os três fortes troaram os canhões. A Família Real chegou numa galeota para recepcioná-la, com muita bondade, principalmente o amado Pedro que, depois de casados, não a deixou dormir, apesar de Leopoldina se queixar de dor de barriga.

Logo em seguida enviou à irmã Luísa periquitos, um macaco, sementes de plantas e peles de animais. Escreve que a dança do lardo (lundu) é muito indecente e não deve ser vista por solteiros. Ela fica suando e quase morre de vergonha com a dança de origem africana. Escreve para o irmão Ferdinando que o Brasil é um verdadeiro paraíso que está colecionando pássaros para enviar-lhe.

Na comitiva de Leopoldina veio a chamada Missão Austríaca formada pelo pintor Thomas Ender, Dr. Johann Kammerlacher, médico e ornitólogo, Dr. Rochus Schüch, mineralogista e G. K. Frick, pintor de plantas e paisagistas que prepararam materiais para enviar ao Museu de História Natural de Viena, tudo por conta do dinheiro que Leopoldina recebia como dotação. Em nenhuma momento Leopoldina pensou em financiar a preparação de animais e aves para a formação de um museu no Brasil.

Em dezembro de 1817 Leopoldina estava felicíssima com sua nova família e com o esposo que tinha boníssimo coração. Reclamava sobre a falta de distração na corte portuguesa, pois não ia ao teatro e nem a bailes. Também o calor dava-lhe preguiça, não a deixa ler e nem escrever. A desilusão veria mais tarde.

Leopoldina era doente, obesa e com tendência a bócio, sofria com o clima do Rio de Janeiro. Sentia falta das festas, banquetes e passeios que realizava nos arredores de Viena. No Rio de Janeiro estava proibida de ir à cidade, passando a maior parte do tempo no palácio de São Cristóvão, ou em passeios pela floresta da Tijuca, em busca de minerais ou pescando no mar. O tédio só era quebrado na sala de música na companhia de Dom Pedro ou na coleta de minerais nos morros do Rio de Janeiro.

A habitação de Leopoldina compunha-se de seis aposentos, uma sala de bilhar; a sala de música com pintura de pássaros e árvores na parede, com poltronas e mesa de madeira do Brasil, três pianos, duas arcas com vasos de alabastro e um relógio de bronze; na sala de festas havia quatro colunas, representando cenas mitológicas, além de vasos de porcelana e candelabros de bronze, com poltronas e mesas de Macau. O teto era pintado por artista francês. Um gabinete de toailete de platina feito na Inglaterra, muito pesado, que ela não conseguia manejar. O quarto de dormir com uma cama como se fosse uma casa, ostentando cortinado bordado a ouro, colcha de renda de Bruxelas, além de dois armários com relógios e vasos, escrivaninha e canapé para dormir a sesta ou para quando o príncipe tinha seus achaques. Havia também um gabinete. Logo depois vinham os quartos do pessoal que servia Dom Pedro e um quarto onde ele se vestia. No corredor ficavam as gaiolas de pássaros e os cães de caça. Embaixo localizavam-se quatro quartos para as duas açaftas e para duas negras que cuidavam do lavabo.

É notável a falta de higiene, pois de tanto lidar com os animais, Leopoldina ficou com sarna que lhe provocou uma ferida no pé.

Informa que sua vida era bastante solitária e que o país está atrasado em todo tipo de cultura. Em carta de 18.4.1818, ao arquiduque Rainer, Leopoldina se queixa de grosserias que tem que suportar e confessa: "acho impossível fazer o bem, ajudar a enobrecer o país e os habitantes e isto custa muito sacrifício ao meu coração e razão". Queixa-se que todas levam a mal a mais bem intencionadas das atitudes.

Ela não explica quais são as bem intencionadas atitudes, deveriam ser suas tentativas de mudança na corte portuguesa, à semelhança da festiva corte vienense. Em abril de 1818 lamenta-se que Dom Pedro às vezes é grosseiro com ela, mas quando nota que a magoa, chora com ela.

Leopoldina descreve o parto que durou seis horas, porque a criança, que recebeu o nome de Maria, nasceu com o braço sobre a cabeça. O trabalho de parto, em 4.4.1819, realizou-se com Leopoldina sentada numa cadeira especial, sem assento, que possuía apenas apoio para as pernas. Depois de oito dias, Leopoldina deixou de amamentar porque seu leite secou. A criança logo ficou aos cuidados de uma babá e de uma dama. Em setembro de 1819, Maria foi vacinada contra a varíola, doença que fazia uma grande devastação entre os escravos.

A princesa Leopoldina considerava um sacrifício que só o amor de mãe justificava, sair da Praia Grande e atravessar a baía da Guanabara para visitar a filha em São Cristóvão, a cada dois dias.

Em dezembro de 1819, Leopoldina teve um aborto.

Confessa que os bailes na corte do Rio de Janeiro são festas religiosas que duram de sete a oito horas, terminando à meia-noite e que gostaria de valsar, "pois amo de forma indizível a dança de meus compatriotas". Também não gosta dos pratos portugueses, preferindo à "boa cozinha alemã". Como se vê, Leopoldina não se adaptou à cultura luso-brasileira, tentando impor costumes germânicos, esquecendo que ao casar com o príncipe Dom Pedro, herdeiro do trono, deixou de ser arquiduquesa da Áustria.

Em setembro de 1820, Leopoldina escreveu ao pai solicitando o empréstimo de 24 mil florins, pois tinha despesas com imprevistos, salários e pensões de famílias necessitadas e criadagem. Informava que seu dinheiro mensal não era pago regularmente e quando acontecia, Dom Pedro retinha para suas despesas.

Ao escrever para irmã Luísa, em 20.12.1820, refere-se aos incidentes ocorridos no Brasil, que a deixam melancólica, pois o esposo pensa segundo os novos princípios e o sogro Dom João VI, segundo os bons e verdadeiros. Esta situação deixa Leopoldina extremamente triste. Na mesma data escreve ao pai, Francisco I, que "infelizmente o feio fantasma do espírito de liberdade se apossou por completo da alma do meu esposo; o bom, excelente rei, tem todos os antigos nobres e autênticos princípios e eu também, pois me foram inculcados em minha tenra idade e eu mesma amo apenas a obediência para com a pátria, o soberano e religião".

Em março de 1821, Leopoldina confessa que está apreensiva com as ordens que virão de Lisboa, mas ficou feliz quando veio a ordem de Dom Pedro embarcar para Portugal. Espera apenas terminar o resguardo do parto do príncipe herdeiro João Carlos, a fim de embarcar para a Europa.

Em 2.4.1821, lamenta a desagradável situação em que está por Dom Pedro ter jurado a constituição e Dom João VI embarcar para retornar a Portugal. Na mesma carta em que se lamenta da situação, informa ao pai que está enviando por Pohl um leão mestiço de pantera com leão, um pássaro raro da China, um muar que dá cria, um zebu dos tártaros e dois botocudos, aborígenes daqui, "a quem peço não confiar".

Dom João VI, deixa o Brasil em 26.4.1821, de regresso à Lisboa, permanecendo Dom Pedro no Rio de Janeiro como príncipe regente.

Diante das ordens das Cortes de Lisboa, para Dom Pedro retornar a Portugal, permanecendo Leopoldina no Rio de Janeiro, ela ordena, em 28.4.1821, a Anton von Schaeffer que prepare uma embarcação segura e veleira para uma família alemã de seis pessoas, para que possa fugir e se unir a Dom Pedro, quando ele partir para Portugal. Considera o príncipe Dom Pedro responsável por esta situação.

Em 15 e 16.5.1821 são eleitos os deputados que irão representar o Brasil nas Cortes de Lisboa.

Apesar dessa situação política confusa, Leopoldina continuava seus passeios a cavalo, acompanhada de dois camareiros, pois seu esposo ficava cuidando dos negócios. Nessa carta de 23.5.1821 e em outras lamenta o envolvimento de Dom Pedro com as idéias de liberdade e confessa que não participa e nem concorda com processo de independência do Brasil, sob o regime liberal com princípios totalmente novos, confessando ao pai que continuava "fiel ao antigo modo de pensar e aos princípios austríacos", ou seja, a um sistema monárquico absolutista.

O comandante das tropas portuguesas do Rio de Janeiro, tenente-coronel Avilez, força Dom Pedro a jurar as bases da nova Constituição liberal portuguesa, provocando uma crise política na regência do reino do Brasil.

Em carta de 7.6.1821, dirigida ao pai, Leopoldina informa que "cada dia as coisas estão mais confusas e infelizmente todas as cabeças do governo foram tomadas por princípios totalmente novos, paciência!" Dois dias depois escreve novamente ao pai que os brasileiros têm cabeças boas e tranquilas, mas as tropas portuguesas estão animadas pelo pior espírito. Critica Dom Pedro que não tem firmeza, pois "atemorizar seria o único meio de por termo à rebelião". Está convencida que o Brasil é um país maduro e importante é que é necessário mantê-lo.

Em 8.7.1821 diz-se muito magoada porque é mal interpretada e que as almas liberais mesquinhas estão contra ela. Sente-se infeliz porque seus deveres a impedem de colocar-se sob a proteção paterna, na sua querida pátria alemã.

O príncipe regente Dom Pedro assina o decreto de 28.8.1821 pelo qual declara a imprensa livre, de acordo com as bases da Constituição portuguesa.

A pressão política sobre a regência de Dom Pedro aumenta quando as Cortes de Lisboa, em 29.8.1821, decidem suprimir Tribunais do Rio de Janeiro e criar Juntas Provisórias de governo para as províncias brasileiras, com autoridade unicamente civil. O comando militar seria confiado a Governadores das Armas, subordinados diretamente às Cortes de Lisboa.

Essas decisões das Cortes chegaram ao Rio de Janeiro em 9.12.1821, provocando a reação dos brasileiros que não queriam a partida do príncipe regente, pois temiam que o Brasil retornasse à situação de mera colônia de Portugal.

Em carta de 8.1.1822, a Schaeffer, Leopoldina solicita o empréstimo de um conto de réis. Receia o dia seguinte, quando o príncipe adotará uma atitude mais firme, substituindo os ministros por filhos do país, e que a administração do governo será semelhante a dos Estados Unidos da América do Norte.

Em 11.8.1821 as tropas ocupam o Morro do Castelo, na tentativa de obrigarem Dom Pedro a cumprir as determinações da Corte. As tropas brasileiras e populares armados, sob o comando de Dom Pedro, reúnem-se no Campo de Santana, obrigando os portugueses a se retirarem para Niterói, de onde embarcam no mês seguinte para Lisboa.

Dom Pedro, por decreto de 16.2.1822, convoca o Conselho de Procuradores das Províncias, com o objetivo de unir todas as províncias.

Em suas cartas Leopoldina refere-se à crise política entre os dois partidos antagônicos, que está dificultando a administração de Dom Pedro. Queixa-se do caos de idéias gerado pelo logro chamado espírito de liberdade e que nas províncias do Norte estão assassinando os europeus. Sente o coração partido pela decisão de Dom Pedro de permanecer no Brasil, perdendo a esperança de rever os amigos e a pátria.

O ministro José Bonifácio de Andrada e Silva aconselha Dom Pedro a assinar o decreto de 4.4.1822, pelo qual as leis mandadas de Lisboa não poderiam ser aplicadas no Brasil, sem receber o *Cumpra-se* do príncipe regente.

Leopoldina muda de tom em carta ao marquês de Marialva, em 10.5.1822, ao considerar que a permanência no Brasil do príncipe Dom Pedro evitou a queda total da monarquia portuguesa. Pela primeira vez, a princesa Leopoldina inclui-se entre os brasileiros, escrevendo "o senhor pode

estar certo de que nós, brasileiros, nunca seremos capazes de sofrer as extravagâncias da Mãe-Pátria, e que trilharemos sempre o caminho da honra e da fidelidade”.



D. Pedro I e Dona Leopoldina em visita à Roda dos Expostos.

Parece que essa mudança de atitude está em consonância com o título de *Defensor Perpétuo do Brasil* dado a Dom Pedro pelo Senado do Rio de Janeiro, presidido por Gonçalves Ledo.

Dom Pedro, como defensor do Brasil, envia uma esquadra naval à Bahia para expulsar as tropas portuguesas que tomaram a cidade de Salvador.

Os brasileiros continuam com o processo que culminaria com a separação de Reino Unido a Portugal, em 23.5.1823 os procuradores das províncias encaminham ao príncipe regente o pedido para convocação de Assembléia Constituinte. Somente em 3.6.1822, o príncipe regente convoca a Assembléia Constituinte deixando de se subordinar ao Reino de Portugal. Leopoldina informa ao pai, em 23.7.1822 que reina no Brasil uma grande confusão com os princípios populares da exaltada liberdade e independência e que políticos trabalham numa Assembléia, imaginada de forma democrática como no país livre da América do Norte. Dom Pedro está deslumbrado com as novidades, enquanto ela é olhada com desconfiança pelos políticos brasileiros. Leopoldina teme que os acontecimentos tomem o rumo da Revolução Francesa, quando só restará a ela a fuga para salvar os filhos, pois ela permanece fiel a seus princípios.

Leopoldina conta à irmã Luisa, em carta de 23.6.1822, que está “cada dia mais misantropa, porque infelizmente conheço pessoas cada vez mais corrompidas e com idéias às avessas”.

Dom Pedro assina o manifesto de 6.8.1822, dirigido às nações e exigindo que os direitos do Brasil sejam reconhecidos pelos outros povos. Estava feita a independência, o brado do Ipiranga é apenas um fato simbólico.

Em 14.8.1822, a princesa Leopoldina assume a regência do Brasil, no período em que Dom Pedro viajou para pacificar a província de São Paulo, agitada por lutas entre os que queriam a permanência do príncipe regente e os que desejavam obediência às Cortes de Lisboa.

Leopoldina em carta de 20.8.1822 ao rei Dom João VI comunica que o príncipe partiu para apaziguar São Paulo e que ela permanecia no Rio de Janeiro. A pequena epístola recomendava

Manoel de Carvalho, que ia às caldas na Europa por ordem médica. Leopoldina encerrou a carta com fórmula de cortesia e submissão: “beija a mão de Vossa Majestade com o maior respeito, meu pai e meu senhor, sua filha muito obediente, Leopoldina.”

Teria Manoel de Carvalho levado alguma correspondência secreta, explicando os atos do príncipe regente? Ou seria apenas uma carta para ocultar o que estava acontecendo?

Durante sua regência, Leopoldina aconselhou o ministro José Bonifácio a não nomear o Soares como governador de Santa Catarina por ser um sujeitinho muito pé-de-chumbo, ou seja, do grupo que apoiava os portugueses.

Na seleção e transcrição de cartas realizadas por Benttina Kann e Patrícia Souza Lima não constam as que teriam sido enviadas por Leopoldina e por José Bonifácio informando das resoluções das Cortes que anularam a convocação de Assembléia Constituinte e determinavam que Dom Pedro retornasse a Portugal.

Sérgio Buarque de Holanda publica um trecho da carta de José Bonifácio enviada a Dom Pedro:

Senhor! O dado está lançado e de Portugal nada temos a esperar senão escravidão e horrores. Venha V. A. R. quanto antes e decida-se porque irresoluções e medidas d'água morna, à vista desse contrário que não nos poupa, para nada servem e um momento perdido é uma desgraça.

Muitas coisas terei a dizer a V. A. R., mas nem do tempo nem da cabeça posso dispor. (Holanda, p. 137).

Na correspondência de Leopoldina não há referência ao Sete de Setembro. O silêncio faria parte do segredo político? É interessante notar que Dom Pedro I considerava como data da independência do Brasil, o dia de sua aclamação como imperador em 12.10.1822.

A coroação aconteceu em 1º.12.1822. Após um grande intervalo, Leopoldina escreve ao pai, Francisco I, que o barão Mareschall, portador da carta, explicará as notícias. Pede que entenda que não havia outra forma para afastar o espírito popular das idéias de república.

De 1822 a 1823, as províncias da Bahia, Maranhão, Piauí, Grão-Pará e Cisplatina uniram-se ao Império. A Assembléia Constituinte, instalada em 3.5.1823, contava com a maioria de deputados liberais que, ao discutirem o projeto de Constituição, procuraram limitar o poder do Imperador. Em novembro Dom Pedro I ordenou a dissolução da Assembléia, rompendo com os liberais, entre eles oficiais do Exército nacional. Sem o poder militar, o imperador determina a vinda de europeus solteiros para formar batalhões de soldados fiéis, encarregando Jorge von Schaeffer do recrutamento. A imperatriz Leopoldina mantém a correspondência com Johann Martin Flach, para que este ordene a Schaeffer que envie 1.500 homens, a fim de constituir uma força para enfrentar o governo e o ministério que querem ver o imperador sem poder.

Carlos Oberacker Júnior afirma que Dom Pedro I encarregou a imperatriz Leopoldina de tratar com Flach o envio de soldados europeus para o Rio de Janeiro, ignorando as contra-ordens dos ministros. (Oberacker, p. 42 a 44).

Além dos avisos de remessas de animais e de minerais para os parentes, a correspondência da imperatriz traz constantemente pedidos de empréstimos para pagamentos de despesas com empregados e de remessas dos presentes que enviava à Europa.

Com a contratação da inglesa Maria Graham para preceptora da princesa Maria da Glória, a imperatriz Leopoldina amplia seu círculo de amizade, antes restrito a José Bonifácio e a Martin Francisco. Há uma intensa correspondência entre a imperatriz e a preceptora inglesa, ao ponto das duas se encontrarem na hora da sesta para conversarem.

Luiz Mott, de uma maneira inconsistente, interpretou as formas de cortesia nas cartas de Leopoldina como indício de lesbianismo, conforme trecho de seu livro *O Lesbianismo no Brasil*, editado em 1987. Sem comentários.

A chegada da ambiciosa Domitília de Castro à corte, desequilibra o relacionamento entre Dom Pedro e a imperatriz Leopoldina pois, enquanto o imperador acumula a amante e seus parentes com honrarias e benefícios, diminui a atenção para com a esposa e, o que é pior e motivo de



queixas, toma para si a dotação em dinheiro destinada aos gastos pessoais da imperatriz.

Leopoldina, com o afastamento dos amigos Maria Graham e dos irmãos Andrade, bem como pela negligência do imperial esposo, torna-se uma mulher amargurada e solitária.

A última carta da imperatriz é à sua querida irmã Luisa, ditada à Marquesa de Aguiar, às quatro horas da manhã de 8.12.1826. É um grito de desespero de uma mulher abandonada e desprezada, pedindo a proteção de seus filhos, queixando-se amargamente do monstro (Domitília de Castro Canto e Melo) que seduziu seu querido Pedro, a ponto de ele esquecê-la e lhe fazer desfeitas. Solicita remessa de dinheiro para socorrer a seus pobres e para satisfazer as dívidas que contraiu. Declara que sua única amiga é a Marquesa de Aguiar a quem confiará a guarda dos filhos.

Dom Pedro I estava em São José do Norte, província do Rio Grande do Sul, quando recebeu a notícia que a imperatriz Maria Leopoldina Josefa Carolina havia morrido em 11.12.1826.

A correspondência da imperatriz Leopoldina é uma rica fonte de informações sobre a vida na corte do Rio de Janeiro, do cotidiano na Quinta da Boa Vista, das relações entre os componentes da família real e das intrigas palacianas, fomentadas pelo barbeiro Chalaça.

Há outras informações importantes sobre o processo de independência, com as lutas entre os partidários conservadores que pretendiam o Brasil unido à Portugal e os liberais que desejavam a autonomia e até mesmo a independência. Leopoldina expressa seu temor que a república seja proclamada como foi na Revolução Francesa.

Leopoldina vive isolada, realizando passeios a cavalo ou coletando minerais. Só participa da política quando preside a regência na ausência de Dom Pedro. Mas sua participação é tutelada pelo ministro José Bonifácio de Andrade e Silva.

Na coletânea de cartas já referida, há uma lacuna referente ao ato de independência e ao processo de reconhecimento por outros países. Não encontrei dados que ela teria interferido e mesmo provocado nossa independência, pois para tudo que fazia, passeios e até mesmo ida ao museu, solicitava licença a Dom Pedro. Suas críticas pela adoção de idéias liberais por parte de Dom Pedro, indicam que ela apoiava o governo absoluto, no sistema de permanência do Reino Unido a Portugal, à semelhança ao império Austro-Húngaro, de seu pai, Francisco I.

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- Dona Leopoldina. **Cartas de uma imperatriz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. A paixão terna**. S. Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GRAHAM, Maria. **Correspondência entre Maria Graham e a imperatriz Leopoldina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **História do Brasil – 1. Das origens à independência**. S. Paulo: Nacional, 1971.
- LACOMBE, Américo Jacobina. **Ensaio brasileiro de história**. S. Paulo: Nacional, 1989.
- OBERACKER JÚNIOR, Carlos H. **Jorge Antônio von Schaeffer, criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil**. Porto Alegre: Metrópole/DAC/SEC, 1975.